

# Temor de atrito com partidos faz Sarney rever sustentação

JORNAL DE BRASÍLIA

ANC P3

06 ABR 1988

06 ABR 1988

A decisão, do presidente José Sarney em mudar a estratégia na busca de sustentação parlamentar tem como principal objetivo evitar qualquer atrito maior com as lideranças do PMDB e PFL. Sarney, já crítico pela formação do bloco suprapartidário, prefere agora negociar uma nova forma de apoio, ouvindo, em primeiro lugar os presidentes dos partidos. Se esta tentativa, entretanto, for frustrada, ele não hesitará em buscar sua sustentação no bloco suprapartidário.

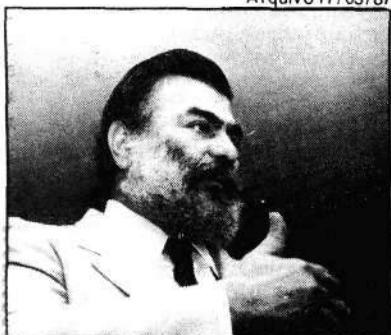
A consulta aos presidentes de partidos, que deve ser acompanhada pela apresentação do programa mínimo de Governo, deve ser feita dentro de um prazo máximo de 15 dias. O governador do Paraná, Alvaro Dias que ontem esteve com Sarney, entende que esta negociação dentro dos partidos vai mostrar que o Presidente "não quer se sobrepor aos partidos e sim contar com seu apoio, principalmente porque será agora obrigado a tomar medidas amargas e impopulares".

## Maciel apoia sob condicionamentos

O senador Marco Maciel está, desde ontem, autorizado a afirmar ao presidente José Sarney que qualquer proposta de realinhamento do partido com o Governo passará necessariamente por um programa mínimo para a transição e o aval das bases pefelistas. Maciel disse ontem que está esperando o convite de Sarney para ir ao Palácio do Planalto, mas adiantou que não pretende abrir mão de suas posições pessoais e que não leva para a conversa qualquer compromisso de participar de uma recomposição com o Governo.

Ontem, durante almoço em sua residência, ao qual compareceram o ministro Aureliano Chaves, das Minas e Energia, e vários parlamentares que integram a cúpula do PFL e estão em franca oposição ao Governo, Maciel foi alertado de que dificilmente haverá um realinhamento político e partidário com o Governo, mas apenas eventual apoio de parcelas do PFL para determinadas questões. O ministro Aureliano Chaves chamou atenção para a necessidade de o PFL deixar o diálogo sempre aberto com o Governo, mantendo, portanto, sua unidade partidária.

Arquivo 17/03/87



Righi: «Que governo?»

## PTB não sustentará governo, diz líder

Apesar de as lideranças formais do partido, como o líder Gastone Righi e o vice-líder Arnaldo Faria de Sá, ambos de São Paulo, garantirem que o partido não apoiará o governo, o PTB está recebendo adesões maciças de parlamentares governistas. Nos últimos 30 dias, entraram no PTB três deputados e um senador eleito pelo PMDB do Mato Grosso e que pertenciam ao Centro Democrático (facção moderada do PMDB da qual faz parte o ministro da Saúde, Borges da Silveira) e mais os deputados Carrel Benevides (AM) e Benedito Monteiro (PA), também oriundos do PMDB.

Estão negociando o ingresso no PTB o senador Gerson Camata (PMDB-ES), o deputado Jorge Leite (PMDB-RJ) e o senador Carlos de Carli (PMDB-AM), todos fiéis ao governo. Outros recém-filiados são os ex-governadores Gonzaga Motta, do Ceará, e Roberto Magalhães, de Pernambuco. Apesar do perfil governista de todos, a exceção de Roberto Magalhães, o líder Gastone Righi diz que não há possibilidade de o PTB formar bloco de sustentação do governo.

Sarney já conta com o apoio da maioria dos governadores para a formação de uma bancada governista. Mas, apesar disso, alguns dos governadores resistem e criticam a formação do bloco suprapartidário, recusando-se até mesmo a conversar sobre o assunto com o Presidente. Entre esses governadores encontra-se o do Espírito Santo, Max Mauro. Defensor dos quatro anos de mandato para Sarney, o governador disse ontem, depois de uma audiência com o Presidente, que os blocos suprapartidários "enfraquecem os partidos e se o Governo quer sua sustentação, deve procurá-la dentro dos partidos".

De qualquer forma, se a resistência à formação do bloco crescer, os articuladores do apoio ao presidente Sarney vão aconselhar aos parlamentares que se sentem constrangidos a participar do bloco, que ingressem no PTB, transformando-o de fato em partido do Governo. (Memélia Moreira).



Aldori Silva

Alvaro: apoio irrestrito

## Cautela para atrair PMDB

O Governo ainda não tem uma estratégia definida para atrair o PMDB para a nova aliança democrática. O líder do Governo na Câmara, Carlos Sant'Anna, afirma que «essa é uma questão muito delicada». Ele admite a existência de uma proposta de consulta informal à bancada do partido, que seria discutida, posteriormente, com os líderes peemedebistas.

O senador Mário Covas, líder na Constituinte, não entende qual seria a participação das lideranças nesse acordo para a formação de um bloco governista no Congresso e na Constituinte. Para ele, «essa é uma decisão exclusiva da Executiva Nacional do partido».

Carlos Sant'Anna, que na semana passada assegurou que o bloco suprapartidário seria formalizado «logo após o feriado da Páscoa», diz ser ainda muito cedo para se falar sobre as forças que comporiam a nova aliança. Para ele, o fundamental, no momento, é a conclusão do programa do bloco, que será feito com base no plano de ação do Governo. «Só depois de elaborado o plano poderemos conversar com os representantes dos partidos».

O líder do Governo afirma que isso não significa um recuo na estratégia de formalização da sustentação política de Sarney, que inicialmente estava prevista para ser feita com adesões individuais dos parlamentares. Na sua opinião, o atraso de quinze dias para o início das negociações «mostra que o Governo está interessado em ter uma sustentação sólida e institucional». Explica que os blocos de maioria, «em qualquer Parlamento do mundo», são formados para

apoiar o Governo em toda a sua duração.

### Dificuldades

A fórmula encontrada pelo Palácio do Planalto para buscar sustentação no Congresso e na Constituinte está sendo desacreditada por seus próprios interlocutores. O líder do PFL, deputado José Lourenço, considera «difícil» a formação do bloco pela via institucional, ou seja, com o aval das executivas dos partidos. O deputado Luís Eduardo (PFL-BA) acha que o «bloco tem que sair de qualquer jeito», mas reconhece que o caminho mais viável é o da adesão individual, pois «na votação do sistema de Governo e duração do mandato» ficou provado que a maioria apoia o presidente Sarney».

O deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP), um dos líderes do Centrão, afirma «que o Governo não precisa se preocupar mais com a maioria». Para ele, é desnecessário qualquer tipo de consulta à Executiva Nacional do PMDB para saber se o partido integrará ou não a nova aliança.

Contrário a uma consulta às bases ou à realização de uma convenção, Cardoso Alves diz que o suficiente é a opinião da «maioria da bancada, que sempre apoiou o Sarney», assegurando que pouco mais de 70 parlamentares peemedebistas não estão dispostos a participar desse acordo. «Sobram 210, que somados a 120 do PFL representarão uma maioria mais do que absoluta», afirmou o deputado, que considera numericamente desnecessário o apoio de outros partidos.

## Blocos nunca deram certo

Desde o início dos trabalhos da Constituinte, esta é a terceira vez que o Governo tenta formalizar um bloco de maioria. As constantes divergências políticas entre os líderes do PMDB e o presidente José Sarney e o agravamento da crise econômica inviabilizaram as duas primeiras, onde ficou caracterizado o recuo do Governo em suas estratégias.

Antes do rompimento do PFL com a Aliança Democrática, o líder Carlos Sant'Anna pregava a necessidade de formação de um «grupo da ala moderada para defender os interesses da sociedade brasileira». A tentativa frustrou-se rapidamente, pois o PFL já demonstrava sua intenção de abandonar a Aliança.

A segunda tentativa foi apenas uma consequência, segundo Sant'Anna, desse rompimento. Apesar do PFL ter assegurado ao presidente Sarney que continuaria a apoiar o Governo, o líder considerava insuficiente a sustentação, pois sob o comando de Mário Covas o PMDB já era oposição aprovando o sistema parlamentarista de Governo, desde as votações nas

subcomissões, a partir de 1º de março de 1988.

### Momento

Agora, após a vitória do presidencialismo e do mandato de cinco anos para os futuros presidentes, o Governo entendeu que seria o momento exato para formalizar essa maioria. No dia em que o bloco foi anunciado, Carlos Sant'Anna afirmava que não existiriam dificuldades para alcançar a adesão de 320 parlamentares, baseado nas conversas mantidas antes da aprovação do presidencialismo. O bloco de maioria, segundo o líder, seria formado pelas adesões individuais, tendo como líderes os mesmos que foram escolhidos pelas bancadas.

Apesar do PMDB não ter rompido formalmente com o Governo, ele está reagindo, através de seus líderes, contra a formação desse bloco. Por isso, Carlos Sant'Anna está optando pela consulta à bancada — atropelando a executiva do partido —, pois essa estratégia evitará o desgaste do Governo com possíveis negociações frustradas com a cúpula do PMDB ou seus líderes.